

Perdão da dívida. Essa proposta ganha força.

15 MAR 1987

O governo Ronald Reagan está enfrentando uma pressão cada vez maior do Congresso e do setor empresarial para fornecer um amplo alívio à dívida dos países latino-americanos — um impulso que provavelmente irá criar séria modificação na questão da dívida do Terceiro Mundo ainda este ano.

Os democratas da Comissão de Assuntos Bancários da Câmara dos Deputados voltam a se esforçar para que se crie uma nova agência internacional que se encarregaria de comprar, dos bancos comerciais, os empréstimos concedidos ao Terceiro Mundo e de refinanciá-los — com um certo desconto — aos próprios países devedores.

James D. Robinson, presidente da American Express, apresentou uma proposta semelhante para descontar dívidas latino-americanas, a serem financiadas pelos governos dos Estados Unidos, do Japão e da Europa Ocidental, a um custo inicial de aproximadamente US\$ 2,5 bilhões. Um novo estudo, do 20th Century Fund, deverá endossar alguns destes planos.

Mas os estrategistas do governo Reagan e os funcionários das principais instituições financeiras internacionais — como o Fundo Monetário Internacional — insistem em dizer que a estratégia da dívida dos últimos cinco anos e meio — com os bancos fornecendo novos empréstimos aos países devedores, caso por caso — está funcionando e precisa apenas de pequenos ajustes

para continuar viável durante os próximos anos.

Inversamente, os que pressionam pela adoção de esforços mais amplos para alívio da dívida insistem que a atual estratégia não está funcionando. Argumentam que os governos do Terceiro Mundo estão sendo obrigados a desviar uma parte tão grande dos seus recursos para o pagamento do serviço de suas dívidas que não podem reativar suas economias.

Não vai bem

“O fingimento de que tudo está correndo perfeitamente bem com a administração da dívida impõe sérios custos aos países devedores, aos bancos credores e, em última análise, também aos contribuintes do Fisco norte-americano”, afirmou Jeffrey Sachs, um economista da Universidade Harvard. “Os mercados privados não são capazes de resolver o problema sozinhos”, argumentou.

O novo interesse pela questão do perdão da dívida está ocorrendo como consequência do fracasso do plano — muito alardeado — de ajuda à dívida mexicana, pelo Morgan Guaranty Trust, em princípios desse mês, e que não conseguiu atrair grande apoio entre os bancos comerciais.

Nos termos da proposta do Morgan, o México ofereceu aos bancos uma oportunidade para trocarem empréstimos concedidos ao governo mexicano por novos bônus de elevado rendimento, que seriam garan-

tiados por papéis do Tesouro norte-americano. Mas o plano conseguiu atrair um número de bancos capaz de reduzir a dívida mexicana em apenas US\$ 1,1 bilhão — um total muito abaixo dos US\$ 10 bilhões que muitos esperavam.

15 MAR 1987

E o novo impulso para aliviar mais a dívida ameaça provocar um embate entre o governo Reagan e seus críticos. James Baker, o secretário do Tesouro, já reagiu, rotulando um alívio da dívida em larga escala como uma “miragem” e criticando duramente o Plano Robinson.

Logo depois que Robinson fez sua proposta, o Tesouro divulgou uma declaração que critica o plano chamando-o de “uma operação de resgate dos bancos”, que acabaria sendo “contraprodutiva”. Um importante funcionário do Tesouro, irritado, disse que a proposta “é claramente um empreendimento comercial do American Express”.

Tanto Baker como a diretoria do Banco Central querem tornar a atual estratégia mais flexível por meio do fornecimento de novos instrumentos financeiros, que poderiam servir para transformar uma parcela maior da dívida em valores mobiliários garantidos, reduzindo com o tempo o ônus dos débitos da América Latina. Mas os avanços, embora maiores, são muito lentos, sob qualquer ângulo.

De um artigo de Art Pine